

FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

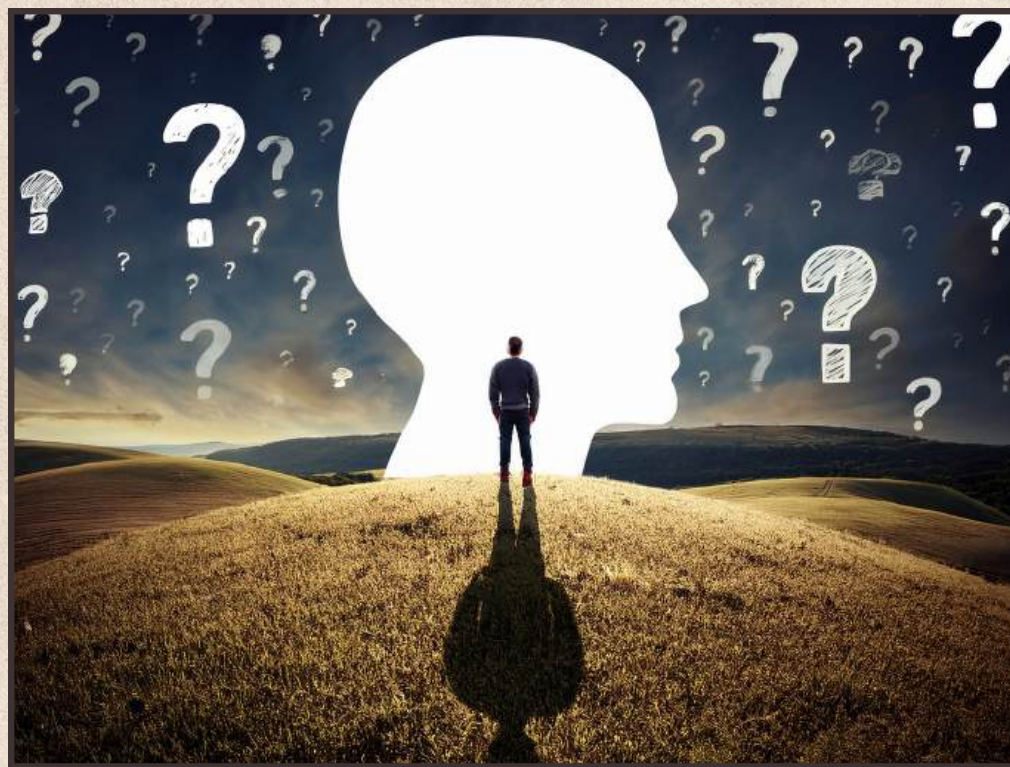
@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

“A filosofia serve para entristecer”, diz Deleuze em seu livro Nietzsche e a Filosofia. O sentido dessa frase não deve ser associado apressadamente à pura infelicidade, como se a Filosofia tivesse por objetivo único promover a tristeza. O que o pensador expressa encontra maior exatidão na situação em que passamos a perceber as contradições de nossas próprias certezas. Crenças que julgamos verdades absolutas apenas por nos serem repetidas inúmeras vezes, forjando prescrições que determinam o que é certo ou errado, bom ou mau, justo ou injusto; eis os nossos ídolos de barro. Quando essas convicções se desfazem, somos lançados na “tristeza”, ou melhor, no incômodo e no desconforto diante da perda das muletas que sustentavam nossa visão

“A FILOSOFIA EXIGE O
ABANDONO DAS CERTEZAS”



de mundo. De fato, a ignorância pode proporcionar algum bem-estar; em contrapartida, a busca pelo conhecimento nos lança no desassossego, pois perguntar não é simples, e responder é tarefa ainda mais trabalhosa. Assim, a filosofia exige de nós certa iconoclastia, isto é, o abandono das certezas que até então considerávamos inquestionáveis. É nesse sentido, que a seguinte frase de Gilles Deleuze se afirma: “uma filosofia que não entristece ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia”. . Autor/a: Samuel Cardoso e Wanessa.

FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

OLHAR POPULAR

É possível ensinar empatia? É comum observarmos as violências e desigualdades explícitas no dia a dia, sendo cada vez mais dificultoso desviar o olhar. Para as pessoas que sentem, choram e sofrem ao se deparar com tais situações, pergunto, é possível ensinar empatia a quem não sente? De acordo com Arthur Schopenhauer, a compaixão não pode ser ensinada porque não é uma escolha racional ou um conceito aprendido, mas sim uma intuição metafísica. Ela surge do reconhecimento espontâneo do sofrimento do outro como sendo o seu próprio sofrimento. Agir corretamente não depende de diplomas ou livros de conduta, mas da sensibilidade natural de cada indivíduo frente à dor do mundo, ou seja, não é passível de ser ensinado, sentir compaixão, ou não, é algo inteiramente individual. Contudo, quando nos deparamos com os processos de desumanização, explícito nos materiais



propagandísticos de genocídios, como no caso da Segunda Guerra Mundial, em que os Judeus eram caracterizados como ratos, percebemos que é possível ensinar a não ter compaixão. Nessa perspectiva, parece que podemos ser incitados a cometer atrocidades, mas não podemos ser educados à fim de possuímos um olhar mais sensível aos processos desiguais. Se aceitarmos tal percepção, aceitamos também, o pessimismo ético. Tal visão de mundo não leva em consideração os grandes ganhos do estudo da Ética, que tanto corrobora para o desenvolvimento de uma sociedade mais humanizada. Autor/as: Caique Augusto, Rafaela Rodrigues e Yohana Wanciw de Almeida.

FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

FOGO OU FUMAÇA?

A filosofia é ciência? Essa pergunta decorre da valorização da ciência indutiva, essa mesma que possibilita o desenvolvimento técnico e que possui valor para o mercado. Portanto, sendo predominante, determina o que é ciência válida ou não. Contudo, há diversas ciências que não partem da indução, nem mesmo são do campo da técnica, assim como as ciências ditas "ciências humanas". A filosofia, por sua vez, é vista no Brasil enquanto ciência humana, e isso se dá pela forma como a filosofia se estabeleceu nas nossas universidades. O que é evidente, porém, é que a filosofia se distancia das ciências técnicas, sendo ela o fundamento para as ciências no geral. Os alemães usam a palavra "Geisteswissenschaften", que pode ser traduzida enquanto "ciências do espírito", termo esse que busca uma concepção epistemológica para as "humanidades".

Já para o filósofo Edmund Husserl, a filosofia é dita enquanto ciência absolutamente rigorosa, que fundamenta as ciências das idealidades matemáticas e as ciências dos fatos como a física. Ou seja, filosofia não é ciência técnica indutiva, mas a ciência vai para além disso. Autores: Bruno Soares Rodrigues e Guilherme Ferreira.



FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

VOCÊ CONHECE?

A mineira Vânia Bambirra (1940-2015) foi uma militante revolucionária brasileira, fundadora da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop), e uma das mais destacadas cientistas sociais da América Latina. Foi professora da Universidade de Brasília e, durante a ditadura empresarial-militar, exilou-se no Chile, onde atuou na Universidade do Chile. Após o golpe militar chileno, em 1973, exilou-se, desta vez no México, tornando-se professora da Universidade Nacional Autónoma do México. Vânia Bambirra foi uma das formuladoras da Teoria Marxista da Dependência, desenvolvendo uma reflexão original sobre a dependência e o subdesenvolvimento, os impactos das ações dos monopólios e as contradições inerentes ao capitalismo dependente na América Latina. Reconhecida também pelo estudo sistemático da obra de Lênin, deixou um legado que permanece



como referência indispensável para a crítica do imperialismo e das possibilidades de emancipação social no continente. Afirmava que enquanto nossa compreensão aumenta, aumenta a nossa responsabilidade, porque sabemos que com ela podemos alterar a sociedade. Embora tenha produzido uma obra extensa, seus escritos foram mais reconhecidos nos países de língua espanhola do que no Brasil. Entre suas principais obras destacam-se O capitalismo dependente latino-americano, A teoria marxista da transição e a prática socialista, Propostas de luta para a mulher brasileira. Autores: Thiago Stadler e Luís Santos.

FAGULHA



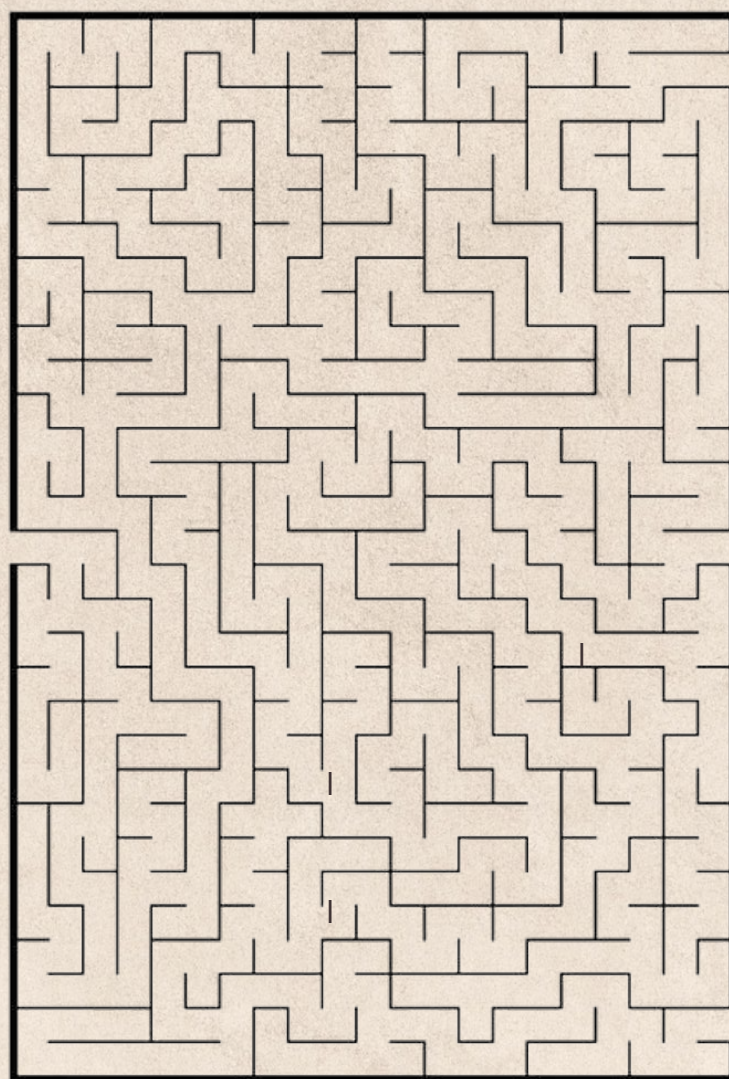
EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

LABIRINTO

Ajude Platão a encontrar sua obra!



A
República



O
Príncipe



A Condição
Humana

Autoras: Cristiane Baniski, Danieli Kirschner e Heloyse Tomal

FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

ARRUAÇA

*A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
Mas deixou seu legado
Saber viver é a grande sabedoria.*

*Que eu possa dignificar minha condição de
homem
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança de valores
que desmoronam.*

*Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
Lutas e perdas
Como duras lições
E delas me sirvo
Assim aprendi a viver
Assim eu vivo.*

*Autor: Vitor Ostrovski (aluno da Escola
Estadual Básica Irmã Maria Felicitas).*



FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

17 JULHO 2026

FILOSOFINHAS/OS

Era uma vez um menino chamado Martinho. Um belo dia, Martinho andava pela praça e observava o cenário. Viu gente passando, crianças brincando, o vento atravessando e as folhas das árvores voando. Então, começou a se perguntar o que, ali, fazia cada coisa ser o que era. O que fazia com que ele visse uma árvore, e nela reconhecesse uma árvore, e não outra coisa? O que fazia ele diferenciar a árvore da grama, a grama dos tijolos do chão e os tijolos dos postes? Aproximando-se dum arbusto, Martinho agarrou uma rosa de três flores, então passou a se perguntar: a rosa eram as três flores, ou cada flor era uma rosa à parte? Pensativo, então, um estalo veio à sua cabeça: as coisas só eram as coisas porquanto carregadas de sentido. Ele percebeu que, conforme ele vivia no mundo e experienciava às coisas, atribuía sentido a elas, e por meio desse sentido é que as compreendia. Ele percebe que, no mundo, as coisas só se



mostram em sentido, no significado que elas carregam e que surgia da vivência cotidiana delas. Então, ao olhar para sua mãe e reconhecer nela a "mãe", é porque, vivendo com ela, atribuiu-lhe um sentido, e passou a compreendê-la por ele. Ao olhar para a árvore, passou a entender que o que fazia a árvore aparecer como árvore a ele era o sentido que ele havia criado dessa árvore. Martinho, enfim, percebeu: o mundo se forma em sentidos, e, significando-o, com ele se relaciona, e nele se é. Mas a história de Martinho não para por aí. Continua na próxima edição... Autor/a: Jonas, Islene Longo.

FAGULHA



EDIÇÃO N° 21

@FAGULHA_JORNAL

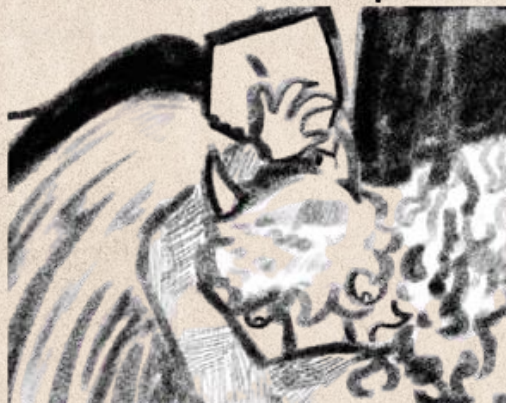
17 JULHO 2026

FILOSOFIA ILUSTRADA

Mas Fagulha não tem medo
ou talvez apenas necessite saber
mais, ele se levanta e se aproxima



e arranca-lhe a máscara,
arranca-lhe a capa.



Nada assustador,
nem
enorme, nem
impressionante...



nem grandes
palavras,
nem metafísica,
nem sobrenatural...

nenhum
mistério...



só carne e osso...

...como nós. Nosso vizinho.
Só um rato com uma arma nas mãos



que triste!



Autor: Ley!